

Quem te irrita te domina: o avesso do discurso dos intolerantes

Luiz Antonio FERREIRA⁷

Homo sum: humani nil a me alienum puto.
Terêncio

Considerações iniciais

Este texto, que complementa uma reflexão iniciada em pesquisas anteriores,⁸ propõe, numa perspectiva retórica, uma contem-

7 Pós-doutor em Letras Clássicas e Vernáculas na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (2015) e Doutor em Educação pela USP (1995).

8 Palestra proferida em 29 de março de 2022, na Sociedade Brasileira de Retórica (https://youtu.be/lr0_zu99vua) e capítulo do livro “Quanto mais vazia a carroça, maior o barulho: a doxa e a dimensão pública dos discursos dos intolerantes”, que será lançado no livro *A Práxis Retórica em Movimento*, no segundo semestre de 2022, pela Editora da Universidade Federal de Sergipe.

plação dos efeitos sociais provocados pelo discurso estereotípico dos preconceituosos que, numa escala ascendente, constitui apenas o primeiro nível do grande discurso dos intolerantes. Nessa perspectiva, os preconceituosos discriminam, os coléricos excluem e os que odeiam exterminam. Todos esses discursos, que vão da intolerância branda até a absoluta crueldade, são sustentados por construções hierárquicas de valores que atribuem categorias do preferível ao humano e, de modo nada ético, movimentam paixões intensas e negativas.

A retórica, em si, por suas características intrínsecas, é amoral. Os oradores, porém, nunca o são. Consideremos, inicialmente, que a intolerância não é boa ou má em si mesma, mas o discurso dos intolerantes é sempre pautado em uma figura de pensamento muito persuasiva, porque ácida e violenta: a *apodioxé*: a recusa argumentada de argumentar. O intolerante, pois, é infenso a argumentos e sua atuação retórica pode ser reduzida a uma frase bem simples: o mais brando dos intolerantes é, minimamente, um violento verbal. O discurso dos violentos, sobremaneira em nossos dias, é um caminho interessante para a análise retórica do discurso.

O discurso estigmatizante-preconceituoso

Numa escala ascendente, o discurso dos intolerantes marca-se pelo clichê,⁹ pelo estereótipo¹⁰ e, depois, ganha *status* de discurso preconceituoso. Insinua-se no seio social como um fenômeno his-

9 Clichê: em retórica, *topói*, lugar comum, reserva de argumentos-tipo, de amplificação e desenvolvimento prontos. É fórmula banal, cristalizada e repetível a partir de uma mesma forma. (Amossy, 2022).

10 Para Amossy (2018, p. 59), o estereótipo é dóxico: “operação que consiste em pensar o real por meio de uma representação cultural preexistente, um esquema coletivo fixo”.

toricamente suportável (embora seja muito dolorido para aqueles que são objeto de preconceito). O preconceituoso argumenta preferivelmente pelo reforço da presunção para contrapor-se à verdade e ao fato. Antes do preconceito explícito, então, o estereótipo é infiltrado nas representações sociais por muitas artimanhas retóricas que, pela potência do gênero epidítico, objetivam levar o auditório a uma ação retórica de manutenção de pontos de vista nem sempre verossímeis ou lógicos. Nesse sentido, se tomarmos o termo convencer¹¹ como produto de um exercício lógico do pensamento que leva à convicção, os argumentos que sustentam o estereótipo e o preconceito não teriam efeito no comportamento do auditório. Por isso, no discurso estereotípico-preconceituoso a persuasão¹² se impõe fortemente por tocar a sensibilidade do ouvinte e vincular valores que, sedimentados no seio social, obnubilam a crítica e constroem hierarquias imaginárias, qualitativas e quantitativas, que levam o auditório, inicialmente, a discriminar pessoas e grupos sociais. Consideramos, então, aqui, o preconceito como efeito de um gesto retórico intencional para promover a invenção do outro no seio social.

Para surtir efeito retórico eficaz, o discurso dos preconceituosos pauta-se em discursos outros, mais brandos, que se encontram previamente formulados no imaginário social. Nesse contexto situa-se o discurso estereotípico, pois o estereótipo¹³ é crença popular, enraizada no discurso dominante, que avalia as supostas qualidades e defeitos de um grupo social específico e sobre os quais há um acordo tácito discriminatório com maior ou menor grau de passionalidade. Duas palavras nesse conceito são importantes para uma reflexão retórica: *crenças* e *acordos*. Um orador bem-sucedido

11 Aqui, tomado como “mover pela razão”.

12 Aqui, tomado como “mover pela emoção”.

13 A Psicologia social de Moscovici considera o estereótipo como representação social.

leva o auditório a acreditar no que diz para, por fim, estabelecer um acordo, que, por vincular-se aos valores de quem ouve, pode ser compartilhado. A questão fundamental, porém, que reside na formulação de ações retóricas dessa natureza, é que estereótipos são generalizações baseadas na crença de que **todos** os membros de um grupo possuem características e atributos semelhantes. Essa concepção, que não resistiria a uma análise superficial se colocada à prova, sobrevive vigorosamente porque é reforçada pela “presunção de que assim é”. Como prescinde da demonstração, não revela, na superfície do discurso, a causa a ser defendida e, quando encontra auditórios menos atentos, raramente suscita a problematização necessária.

Um auditório mais atento observaria que o orador intolerante, preocupado em divulgar estereótipos,¹⁴ divide o mundo por categorias: *eu, os meus e todos os outros*. Quando acuado, vale-se do *slogan* para vincular valores. Um exemplo nítido reside na afirmação da crença de que todas as mulheres loiras são burras ou todos os pretos são macacos. Há outras intolerâncias mais sutis, que não se referem a pessoas numa impressão inicial, mas que, como no exemplo a seguir, discrimina todos os estrangeiros e brasileiros considerados não patriotas: “Brasil, ame-o ou deixe-o!”. Se considerarmos essa postura genérica como verdadeira, não será difícil admitir que o intolerante-preconceituoso é o inventor das atuais *fake news*, as mensagens falsas que circulam nas redes sociais de forma abundante. Em retórica, o raciocínio utilizado pelos intolerantes é sempre imperativo, tem valor exclamativo e reveste-se de um raciocínio fechado, monossêmico, apodítico.

É interessante observar que o intolerante nunca interroga verdadeiramente. Sempre afirma, e mesmo que pareça interrogar por meio de uma pergunta retórica no pior sentido (“Você não acha

14 Do grego *stereos* (sólido) + *typos* (molde).

que o vestido de fulana é bem vulgar?”), só quer acuar o auditório. Essa pergunta é uma afirmação que se esconde sob um discurso que já revela o argumento pretendido. É uma prolepse, a figura que antecipa o argumento (real ou fictício) do adversário para voltá-lo contra ele. Se alguém lhe fizer essa pergunta, tente responder, por exemplo, “Ela só está usando um vestido da moda”. O intolerante dirá, contra você, uma frase generalizante e apodítica: “O mundo está mesmo perdido. Todas as mulheres estão virando prostitutas. E o pior é que você é conivente com essa situação!”. Acentue-se que o intolerante tem um pensamento fixo: se eu penso assim, todos devem pensar também. Os argumentos dos intolerantes pautam-se em lugares-comuns, atos retóricos que repetem e repetem até ganharem o status de máximas, uma espécie de repertório que, num primeiro momento, sustenta o desejo do orador de constituir uma verdade aparente que se transformará em *doxa*.¹⁵

No discurso estereotípico, a adjetivação contribui para a formação de um cenário de alta resolução imagética que tem a força de uma hipotipose: se dissermos “japonês ladrão”, provavelmente o auditório pensará em um indivíduo de origem oriental que praticou um roubo. Se, porém, dissermos “cigano ladrão”, o adjetivo se estende semanticamente, no imaginário popular, para toda uma classe de pessoas e colocamos, sem qualquer justificativa, o povo cigano sob suspeição (um cigano é como TODOS os outros). A forma adjetivada e imperativa de descrever genericamente o ser discriminado é feita com tanta “certeza” e, por isso, aciona a memória histórica do auditório que, até inconscientemente, sustenta em si um estereótipo. O hábito de generalizar promove a economia argumentativa, pois o senso comum evita questionamentos sobre os porquês de afirmações, não exige provas constativas dos fatos relatados e a dinâmica argumentativa se vale da facilidade oratória

15 Os estudos de Amossy e Pierrot (2022) esclarecem como historicamente os estereótipos e clichês podem contribuir para a formação da *doxa*.

que não encontra resistência imediata em muitos e muitos auditórios.

Recursos Retóricos no discurso dos intolerantes

Como dissemos, o intolerante não suporta argumentos contrários. Para conseguir eficácia, pratica o gênero epidítico¹⁶ da retórica, aquele que elogia, mas que também pode diminuir o outro, vilipendiá-lo. No discurso estigmatizante-preconceituoso o orador discrimina e busca anular o outro, revisita o passado para sedimentar o presente até atingir a reputação dos atingidos. Com esse proceder recorrente, movimentava o gosto do auditório (o belo e o feio), exalta valores e, por fim, desperta paixões. Há muitos aspectos retóricos marcados pela crueldade para sustentar os discursos que se encaminham para o ódio capaz de exterminar grupos inteiros. Talvez o mais sutil seja a prática do argumento de finalidade com o intuito de ressaltar o desperdício. Tais argumentos não exprimem o porquê, mas o para quê. Quando se quer exterminar homossexuais, por exemplo, a ideia imposta é a de que é preciso exaltar a heterossexualidade no seio da família, pois, caso contrário, todos os “sacrifícios” de criação teriam sido em vão.

Ao valer-se do gênero epidítico, o orador discrimina, anula o outro, por exemplo, por sua orientação sexual e intimida pela exploração do gosto do auditório: o belo, o feio, o nobre, o vil. O discurso dos que odeiam é pródigo em demonstrar brutalidade simbólica que associa o modo de ser ao conviver que leva, sem qualquer perspectiva racional ao “olho por olho, dente por dente”.

16 No plano retórico, a grande força do discurso de ódio reside na exploração da força do gênero epidítico: o orador atribui valores ao modo de ser do outro e realça o vil em contraponto ao nobre. A figura, característica do discurso epidítico, é a amplificação.

Se adotarmos essa perspectiva de potencialidade do gênero epidítico, poderemos pensar com Górgias que, em *Elogio de Helena*,¹⁷ traz reflexões sobre o vigoroso encantamento exercido pelo discurso ao afirmar que a palavra possui um valor tirânico, capaz de realizar grandes feitos; uns discursos entristecem e outros alegram, uns amedrontam, outros incutem coragem e há ainda outros que envenenam e enfeitiçam a alma com uma persuasão perniciosa. Gallinari¹⁸ (2020), valendo-se da reflexão de Górgias estende o pensamento para a palavra na mídia e enfatiza a “magia” presente nas redes sociais que, com o aparato audiovisual de nossos tempos, pratica um encantamento através de pulsões emotivas.

O que se ressalta é a evidência do *pathos* sobre o *logos* e a força do fazer-sentir para fazer-criar, que se afasta do julgar instantâneo e necessário, sobretudo quando a repetição exacerbada de conteúdos a que o auditório é exposto cotidianamente esconde os esquemas racionais da demonstração e enviesa o discurso tanto para o bem quanto para o mal ao explorar o fascínio natural dos discursos sociais. Como afirmam Perelman e Tyteca,¹⁹ o gênero epidítico é persuasivo a longo prazo porque versa sobre questões que não exigem decisões imediatas. Na esteira desse pensamento, Reboul reforça: “o epidítico não dita uma escolha, mas orienta escolhas futuras”.²⁰ O argumento-tipo presente no gênero epidítico é a amplificação que, se tomado em sentido comum, é propriedade dos meios de comunicação: divulgar e “amplificar” por sua potência intrínseca os atos retóricos.

Essa pista retórica da incomplacência centrada no gênero epidítico conduz o orador para a escolha dos lugares comuns preferidos pelos que mantêm formas discursivas que vão do preconceito

17 Górgias, *Elogio de Helena*, 1982.

18 Gallinari, 2020.

19 Perelman e Olbrechts-Tyteca, 1996.

20 Reboul, 1998, p. 47.

até o ódio. E são muitos, se observarmos a classificação de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996): a) o lugar da qualidade: afirma que uma coisa é superior a outra em termos de atributos (“Isso é serviço de branco?”); o lugar da quantidade: argumento elitista que sobrepõe um indivíduo a outro pela peculiaridade de um indivíduo em relação aos demais (homossexuais na vizinhança desvalorizam nosso imóvel); lugar da ordem: afirma a superioridade da causa sobre o efeito, do anterior (o passado) sobre o posterior (o presente) e realça os contrários (O ensino era bem melhor quando as classes não eram mistas); lugar da essência: realça argumentos que representam um padrão, um eixo, uma estrutura (Os homens são essencialmente melhores do que as mulheres quando o exercício é matemático). Há vários outros lugares explorados pelos oradores preconceituosos e mal-intencionados, mas, todos validam estereótipos, moldam imagens coletivas que se fixam como testemunhos na memória e são exemplos flagrantes de sedimentação irresponsável de percepção seletiva.

Escolhido o lugar comum mais conveniente, o orador, sempre feroz, apoia-se também em outras figuras eminentemente retóricas: as de escolha (sobretudo a metonímia, muito caracterizadora: homossexuais perversos, índios bárbaros, árabes fanáticos. Na esteira dessas fixações no imaginário coletivo, as consequências são estabelecidas: todo homossexual, índio ou árabe merece punição por serem o que são. E iniciam-se as primeiras punições: perda de direitos, perda de empregos, perda de propriedades territoriais ou, em último caso, condenação à morte. Essas “determinações” não possuem, também, sustentação racional, mas as figuras de escolha são utilizadas justamente porque podem ressaltar a antinaturalidade, o diferente pela exploração acintosa do discurso estético (gordo, feio), do discurso dos saudáveis em contraponto à doença como vergonha (o fanhoso, o surdo, o cego, os bebês que nascem com alguma anomalia física). Os preconceituosos só consideram normal o que é normal sob sua concepção.

Outra figura muito utilizada no discurso dos intolerantes é a figura de comunhão (alusão, citação, clichê, enálage, interrogação retórica), ressaltada na alusão compulsiva e positiva da tradição cultural, do passado comum, sobretudo no aspecto moral em contraposição ao imoral. Discriminam-se os homens do campo, de regiões que não são a dos considerados privilegiados por morarem em lugares “de prestígio” e, sobretudo, os analfabetos, por não fazerem parte dos “normais, em aceno claro de repulsa à diversidade dialetal ou aos diversos padrões considerados não cultos.

Esses recursos retóricos têm concretude. A exploração de figuras e do gênero epidítico reforçam uma tradição histórica de condução do pensamento. De forma menos ou mais nítida, todos herdamos concepções estereotípicas que estigmatizam, de algum modo, grupos distintos (gênero, aparência, religião, cultura, condição social e econômica) com o intuito de denegrir imagens ou, raramente, de enaltecer o *ethos*. Os estereótipos negativos constituem, em suma, no dizer de Moscovici²¹ um modo de opor os “semelhantes” preferidos aos “diferentes” desprezíveis. O orador que pratica um ato retórico que publiciza o estereótipo e o preconceito difundem, claramente, por efeito histórico que revolve a memória, a discriminação entre um “nós” e aqueles que não são como “nós”. O comentário de Almeida, pautada em Sartre, sobre essa afirmação é muito pertinente: “O outro é aquele que eu percebo, organizo as impressões acerca, avalio e decido ‘colocá-lo em seu lugar’”.²² Em resumo, como é fácil perceber, a retórica dos intolerantes é também, mas não só, a prática persuasiva da manifestação nociva e antiética de impulsos contra o diferente, contra o que não é como nós. Na nossa invenção do outro, exigimos “ordem”, mas a ordem é criada por uma lógica que nem sequer é pautada no razoável. Esse é um recurso retórico muito comum: a repetição constante de uma

21 Moscovici, 2009.

22 Almeida, 2014, p. 23.

opinião que se espalha e espalha constitui uma poderosa figura de presença que, sempre, é também eficientemente argumentativa. O passo cognitivo que leva o auditório do estereótipo ao preconceito pode ser entendido, numa perspectiva das ciências sociais, no resumo feito por Amossy e Pierrot:²³ “Assim, o estereótipo aparece como uma crença, uma opinião, uma representação relativa a um grupo e seus membros”. O preconceito, por sua vez, informam as autoras, “designa a atitude adotada em relação aos membros em questão”.

Em 1954, Gordon Allport,²⁴ em seus estudos sobre a natureza do preconceito, já propunha uma classificação que nos parece muito coerente. A seguir, reproduzimos os níveis e, aqui, as associamos com as diversas retóricas pertinentes:

Nível 1 – antilocução (piadas estereotipadas, ditos populares)	Retórica da rejeição (Nível 1)
Nível 2 – esquiva (separação física ativamente incentivada: grupos)	Retórica do conflito (Níveis 2 e 3)
Nível 3 – discriminação (negação de oportunidades de emprego, de educação)	
Nível 4 – Violência (deprecação, linchamento)	Retórica do confronto (Nível 4)
Nível 5 – Extermínio (limpeza de gênero, étnica)	Retórica do Ódio (Nível 5)

23 Ruth Amossy e Anne Hersckberg Pierrot. Estereótipos e Clichês. São Paulo: Contexto, 2022, p. 44.

24 Gordon Allport, The Nature of Prejudice, 1954.

Quem, por exemplo, tem mãe intolerante, com certeza já ouviu: “Você não vai se misturar com essa gente, né?”, que pode ser um conselho prudente, mas pode também revelar graus de intolerância a “algumas” pessoas que não estejam no modelo de “pessoas” que sua mãe construiu em si mesma e, como todos os intolerantes, “se não serve para mim, não serve para ninguém”. O provérbio escondido na frase materna é “Diga-me com quem andas e te direi quem és”, que, na classificação de Gordon, estaria no nível 1 da intolerância e, no plano retórico que estabelecemos, se enquadraria da retórica da rejeição. Há uma força contida no nesse discurso que é notória: o intolerante sempre mostra tacitamente comprometido com a proposição e defesa de determinada tese perante o auditório. Por isso, é sempre eloquente. O que se salienta, se caminharmos por esse raciocínio, é que há uma microestrutura retórica viciada no discurso dos intolerantes mesmo quando, aparentemente, praticam a retórica da brandura.

De modo amplo, todos, de algum modo, somos alvos de estigmas, clichês e preconceitos em vários tons. Por estar arraigada no discurso dominante, a intolerância pode nos levar a achar que a intransigência do outro é violenta, endêmica, estrutural e nociva. Julgamos, sem muita reflexão, que nossa violência verbal e preconceituosa é episódica, acidental e fruto de ligeiro descuido ético. Podemos achar, por exemplo, que alguns evangélicos exageram por não “tolerarem” praticantes das religiões afros. Por outro lado, podemos ser um motorista que não tolera ciclistas ou motociclistas (“todos são mal-educados e agressivos!”). Podemos ser, em outro contexto, o marido que não tolera o jeito moderno de ser de sua mulher porque, em criação estereotípica anterior, podemos considerar algumas posturas femininas como “vulgares”. Todos esses exemplos são formas de intolerância, formas de iniciar concepções estereotípicas de ser e de estar no mundo e, em grau ascendente, poderiam ser melhor entendidas se apreciadas a partir dos níveis propostos por Gordon.

A diferença entre a intolerância do outro e a nossa está na forma como enxergamos a ação retórica e seus efeitos na sociedade. Evidencie-se que, quando somos o orador que promove o discurso estigmatizante-preconceituoso, nosso alvo é considerado irritante, o outro é alguém que fere o bem-estar do mundo justamente por estar no mundo. Os exemplos são muitos, mas basta pensar que quando, apressados no trânsito, incomodamo-nos com uma motorista distraída e inábil e, como forma de vingança pelo que nos irrita, podemos chegar a dizer (ou pensar) que “lugar de mulher é na cozinha”. Pode ser que, num momento de distração e irritação extremada, digamos para nosso filho que chora sem parar: “Isso é coisa de mulherzinha. Homem não chora”. Esse é um discurso que molda pessoas, que discrimina, que ressalta, na terminologia da retórica, o estado de definição: quer classificar ou reforçar o que supostamente ainda não está prévia e solidamente classificado pelo auditório.

Discursos que reforçam a alusão de vilipêndio, no fundo, são instituintes e, quando ainda não instituídos solidamente no discurso dominante, afirmam ou reafirmam uma representação social que se cristalizou ou que se pretende que se cristalice em *doxa*: visões que fazem emergir saberes do senso-comum, que atingem o auditório e agem sobre as interações sociais. São moldes cognitivos herdados da tradição, elaborados e compartilhados, que constroem uma espécie de camadas de “realidade” no imaginário social. Em retórica, os oradores intolerantes exploram os lugares-comuns ligados à qualidade, à ordem e à essência como recurso para consolidar uma estrutura de dados que cria “verdades” estereotipadas, até se transformarem num saber comum a todos os membros de uma mesma comunidade.

Os exemplos dados até aqui, que podem ser considerados como “pequenas intolerâncias”, são, sim, significativas no seio social, mas

ainda estão longe do discurso de ódio que extirpa povos inteiros ou os elementos de uma raça. São, pois, nuances intolerantes explícitas, mas escondem outras, muito persuasivas, que podem, pela força da figura de presença, conduzir ao discurso de ódio. São deslocamentos que vinculam a existência de um sujeito ao pertencimento sociocultural a partir de uma base cognitiva sustentada por classes que se autocategorizam, por muitos e muitos precedentes históricos, num nível socioculturalmente, superior. Por tudo isso, em retórica, não se pode subestimar o valor persuasivo das figuras.

A intenção pedagógica do discurso dos intolerantes é explícita. O discurso estigmatizante-preconceituoso, débil quando submetido ao crivo da razão, infunde no auditório efeitos passionais muito profundos, que são reflexos desse mesmo discurso. Como é autoritário, usa o estigma como razão para o *docere* (ensinar, pensar para agir), pois o estabelecimento de acordos com o auditório precisa parecer verossímil. Para bem urdir seu discurso, essa configuração discursiva se molda por meio de inúmeros recursos argumentativos ligados à pessoa: linhagem (gênero), pessoas (*natio*), pátria (pátria), sexo (*sexus*), idade (*aetas*), educação e disciplina (*educatio et disciplina*), aparência física (*habitus corporis*), fortuna (fortuna), condição social (*conditionis distantia*), caráter (*animi natura*), profissão (*studia*), aparências (*quid affectet*), palavras e ações anteriores (*ante acta et dicta*) e, até, de nome (*nomen*).²⁵ Como é construído em bases históricas e vale-se da *inventio* para proclamar-se, provoca, intimida, seduz e porque os intolerantes, de algum modo, sabem que o ato retórico nunca é passivo, sempre conseguem gerar uma consequência reativa das pessoas envolvidas. Consolida-se, assim, a missão oratória ligada ao *docere*. Por outro lado, o intolerante é intolerante porque pode praticar as paixões malevolentes: construir percursos passionais,

25 Categorizado por ROMERA, Ángel. Manual de Retórica y Recursos Estilísticos. s/d.

gerar tensividade, justamente porque pode aplicar sobre o outro, o alvo do preconceito, um discurso de sanção: acha o outro estranho, quer que ele desapareça, considera-o doente e, por tudo isso, precisa ser discriminado. São graus sutis de obstinação que revelam medo da extinção da pobreza, do abandono da pureza da língua, da liberação das opções sexuais, da soberania de uma raça que não seja a sua. A obstinação preconceituosa, sim, pode conduzir a um estado tirânico irreversível: a manifestação do ódio.

Em resumo, poderíamos classificar a retórica dos intolerantes em um paradigma externo muito cristalino:

O DISCURSO DOS INTOLERANTES POSSUI FASES ASCENDENTES



O avesso do discurso dos intolerantes

Pelo recorte citado anteriormente, é possível pensar na atuação performativa do intolerante, que atua sempre numa espécie de antítese definidora de oposição discursiva crescente e até hierarquial

zada que se sobrepõe em níveis:

Há uma dimensão espacial e temporal para a instauração da intolerância. No espaço (quem, o quê, quando, onde e por quê) e, no tempo: a conveniência, o *kairós*.²⁶ Levemos inicialmente em conta que o discurso dos intolerantes é a prática explícita de uma retórica apaixonada por ser uma visão sensível do outro revigorada numa consciência social viciosa que exprime a identidade do orador e, simultaneamente, a criação do outro por meio de um imaginário que se propaga culturalmente. Como discurso apaixonado, provoca paixões e cabe ao auditório filtrar em si as paixões e construir identidades;

O discurso dos intolerantes é performático: traduz a capacidade de, pela fala, agir ou consumir uma ação sem jamais usar a linguagem constativa, descritiva que pode ser “avaliada como verdadeira ou falsa”. Como o intolerante só admite suas falas como verdades, ele se afasta do *logos*, da lógica natural, da razão propriamente dita;

O orador obstinado pratica sempre um discurso patético, que se esconde sob uma capa de racionalidade. Por ser oportunista e por possuir graus, a intolerância não leva necessariamente à morte imediata do intolerado (que se consuma, bem depois, no discurso de ódio). Essa postura oratória é, no mínimo socialmente perigosa: o intolerante é tão seguro de si que, muitas e muitas vezes, parece sábio e prudente (possuidor de *phronésis*), procura o momento oportuno para revelar o confronto (*kairós*) e ataca argumentos

26 Na filosofia greco-romana, *Kairós* é a experiência do momento oportuno. É o tempo em potencial, tempo eterno e não linear, enquanto Chronos é a medida linear de um movimento ou período. Na retórica, *Kairós* era uma noção central, pois caracterizava «o momento fugaz em que uma oportunidade/abertura se apresenta e deve ser encarada com força e destreza para que o sucesso seja alcançado».

contrários por meio da *estase*).²⁷ Se aquele que tolera possui uma capacidade humana muito necessária: a *phronésis*, prudência, bom senso porque pratica, na relação com o outro, uma espécie de sabedoria prática, os obstinados preconceituosos por sua vez, querem que o auditório desista de ser tolerante e, por isso, valem-se de estratégias retóricas que o afastam sempre e cada vez mais da *phronésis*, embora, como afirmamos, possam simulá-la para obter acordos. Saliente-se que a *phronésis* é uma condição necessária para a virtude, para sustentar a força moral ou ética. A qualidade do virtuoso é atingir a compreensão moral, um atributo que não pode ser ensinado por regras ou leis, mas por meio do desenvolvimento da compreensão de si mesmo. A simulação da *phronésis* é um ato de hipocrisia. Frases como “Faço isso pelo nosso bem”, ou “Precisamos dar um jeito nessa situação moralmente insustentável” podem pretender disfarçar virtudes; e

O discurso dos intolerantes possui uma histórica visada analítica e uma visada performativa que fixa um conhecimento argumentativo muito vicioso, utilizado nos momentos de interação. A *performance* desses oradores é oportuna quando o contexto envolve situações concretas de argumentação capazes de provocar constrangimentos e de pressão retórica para obnubilar o contra-discurso.

Em suma, os intolerantes possuem estratégias para reforçar o estereótipo e o preconceito:

1. utilizam figuras e temas relacionados à oposição semântica fundamental entre a igualdade ou identidade e a diferença ou alteridade;

27 Na retórica clássica, estase é recurso básico da inventio, o processo de, primeiro, identificar as questões centrais em uma disputa e, em seguida, encontrar argumentos para abordar essas questões de maneira eficaz.

2. divulgam sempre os mesmos temas comuns de intolerância: etnia, religião, gêneros para, por meio de figuras de retórica, reforçarem a animalização do outro (mulheres são vacas, gordos são porcos, negros são macacos), a antinaturalidade do diferente e o caráter doentio ou imoral da diferença (homossexuais são antinaturais ou doentes ou imorais); e

3. quando pretendem disseminar o ódio, esses oradores não se valem de dados e constroem seus argumentos por meio de alegações (asserções, teses) de algum modo já presentes no discurso dominante e, quando se valem de dados, subvertem-nos, por meio de ocorrências particulares de modo que possam ser considerados como verdadeiros. Para o obstinado preconceituoso a “sua” verdade deve ser estabelecida em um grupo social que, por sua vez, já funciona como ponto de partida para que a própria alegação seja proposta: o discurso dos intolerantes tem falta de vocação para a visão cartesiana de racionalidade. Todo discurso intolerante é a prática de uma retórica redutora, monossêmica, essencialista e discriminatória. É sempre a retórica de criação do outro a partir de moldes quase sempre pejorativos e, muitas vezes, altamente cruel.

Nem todo discurso intolerante é um discurso de ódio, mas todo discurso de ódio é altamente intolerante. O intolerante é cuidadoso na manifestação dos graus de intolerância e o mostra, como procuramos acentuar ao longo do texto, em doses episódicas: antipatia, raiva, irritação constante, revolta, ódio. Todos têm auditórios específicos que assimilam uma ideia sobre a identidade do outro: não humano, animalizado, anormal, doente, sem estética, sem ética.

Ressalte-se, porém, que de algum modo, falar mal do outro é falar do que me dói, do que me incomoda, justamente porque é um exercício de identificação. O acordo com o auditório (dos propensos à intolerância) é feito pela antítese (nós – os brancos, os ricos, os homens – contra eles – os pretos, os pobres, as mulheres, os estrangeiros) e pela alimentação de paixões malevolentes e patéticas que impedem o diálogo racional. A *doxa*, então, passa a ser o suporte primeiro para a manutenção do status dos intolerantes.

Se considerarmos o texto que sustenta o discurso dos intolerantes como um tecido muito bem urdido na superfície, podemos pensar em um avesso desse tecido tão vermelho de raiva, ira e ódio. E o avesso tem uma urdidura bem perversa. O discurso estigmatizante-preconceituoso pode não ser politicamente correto, pode não ser eticamente correto, pode não ser humanamente correto, pode ser perverso, cruel, odioso, mas ainda assim, por ser discurso polêmico e controverso, altera percepções e movimentam as paixões. No plano retórico, o discurso acaba quando, livre do poder das palavras, se transforma em violência, em autoritarismo.

Considerações finais

Onde há violência física não há retórica. Enquanto pudermos estudar o discurso dos intolerantes como um poderoso exercício de eloquência, estaremos entre a retórica e a oratória: os atos retóricos dos intolerantes não são artificiais, ornamentais ou vazios. São fortemente persuasivos, porque, tanto para o orador quanto para o auditório, condicionam seu discurso a uma paixão que também é sua: o medo do outro e das perdas que uma atitude tolerante poderá ocasionar (“é preciso incentivar a falta de emprego, de moradia, de vagas nas universidades, de segurança”).

Nesse sentido, como a retórica não é um evento, mas um processo, o discurso dos intolerantes é: instrucional (explora a função pedagógica da retórica); é propagandístico (explora a função hermenêutica da retórica); é violento, cruel e autoritário, quer alterar a percepção, criar um conceito, definir e encerrar o assunto que deve ser tomado como “verdade” (explora a função heurística da retórica). É, ainda, um discurso instrumental: visa à mudança de uma crença para incentivar uma ação (fazer crer para fazer fazer) e, realçamos, o pragmático objetiva banalizar o mal, fazer intimidação sistemática e prática de bullying, instigar divergências, impulsionar polêmicas, revolucionar valores fundantes (o bem, o justo, o solidário, o ético), alicerçar elementos fundantes da alma (paixões, faculdades, hábitos), reforçar valores ideológicos, privar o auditório de exercer seu poder no gênero judiciário (praticar o que é justo), privar o auditório de exercer seu poder no gênero deliberativo (escolher o que convém).

Por fim, no avesso do discurso dos intolerantes falta mediania, a justa medida entre o vício e a virtude. E no avesso do avesso do avesso há sempre um irascível, um colérico, um rancoroso, um medroso, um inconformado, um indignado, um atormentado tenso, um cruel e alguém permanentemente infeliz.

O intolerante vive um estado ininterrupto de irritação. Por isso, volta-se raivosamente para o outro. O que talvez não saiba, mas deveria saber é que quem te irrita, te domina.

Referências

ALLPORT, Gordon W. *The Nature of Prejudice*. Addison-Wesley Publishing Company, Inc. Cambridge, Massachusetts, 1954.

ALMEIDA, J. B. L. *A invenção dos outros: Estereótipos étnicos, raciais e*

regionais no Brasil e na Espanha. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal da Paraíba para obtenção do grau de Doutora em Psicologia Social, 2014. Disponível em: pdhmmmy1600042576.pdf (123dok.com), consultado em 21 abr. 2022.

- AMOSSY, R. *A argumentação no Discurso*. São Paulo: Contexto, 2018.
- AMOSSY, Ruth; PIERROT, Anne Hersckberg. *Estereótipos e Clichês*. São Paulo: Contexto, 2022, p. 44.
- ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução de Manuel Alexandre Júnior. Imprensa Nacional – Casa da Moeda. Lisboa, 2005.
- GALLINARI, Meliandro. *Identificando os “discursos de ódio”*: um olhar retórico-discursivo. In *Rev. Estud. Ling.*, Belo Horizonte, v. 28, n. 4.
- GÓRGIAS. *Elogio de Helena*. In: SOUSA, A. A. A.; PINTO, M. J. V. *Sofistas: testemunhos e fragmentos*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005. p. 127-133.
- MOSCOVICI, S. *Os Ciganos entre a Perseguição e a emancipação*. In *Sociedade e Estado*. Brasília 24(3), 2009, p. 653-678.
- PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- REBOUL, Olivier. *Introdução à Retórica*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ROMERA, Ángel. *Manual de Retórica y Recursos Estilísticos Recopilación, diseño y documentación adicional*: Elhi Delsue. Disponível em: (<http://retorica.librodenotas.com/>), consultado em: 15 maio 2022.